

Bracher volta a negociar acordo definitivo da dívida

RÉGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK

— O Assessor Especial do Ministério da Fazenda, Fernão Bracher, volta a negociar um acordo definitivo com os banqueiros credores a partir de hoje.



Fernão Bracher

O Brasil deve apresentar, na reunião de hoje e amanhã, as projeções para o pedido de refinanciamento de juros por parte dos bancos credores para 1988 e 1989.

Segundo o próprio Bracher disse ao GLOBO, "a soma deverá ser, basicamente, a que está na proposta do Governo brasileiro, de 25 de setembro". O Brasil pediu US\$ 10,4 bilhões para os anos de 87/88/89. Subtraindo-se o pedido de US\$ 4,3 bilhões que, de comum acordo, ficou sendo US\$ 3 bilhões dos bancos e US\$ 1,5 bilhões do Brasil para 1987, Bracher tentará cerca de US\$ 6 bilhões para os próximos dois anos.

O Assessor da Dívida Externa, que passou o fim de semana em palestras sobre a dívida externa na Universidade de Miami, na Flórida, estará acompanhado do Diretor do Banco Central para a Dívida Externa, Antônio de Pádua Seixas, além do representante do Ministério da Fazenda na Embaixada de Washington, Sérgio Amaral.

Já do lado dos bancos credores, coordenados por William R. Rhodes, do Citibank, a expectativa é grande

para o fechamento do acordo interino para os pagamentos de juros de 1987. Até o início da noite de ontem — já segunda-feira nos mercados do Oriente — faltavam menos de US\$ 100 milhões para a conclusão do entendimento preliminar.

Segundo as previsões de Rhodes, o acordo deverá estar fechado amanhã. Estava sendo aguardado um comunicado do Citibank anunciando o fechamento do acordo interino, mas o porta-voz do banco, Richard Howe, não disse quando ele deverá ser distribuído.

Com o acordo interino praticamente fechado, banqueiros e representantes do Governo brasileiro terão pouco mais de um mês para acertar um acordo definitivo para os próximos dois anos. Os bancos insistem na ida formal do Brasil ao FMI.

Já os negociadores brasileiros habilmente jogam com as projeções para os próximos dois anos, salientando que talvez precisem de menos de US\$ 6 bilhões, o que diminuiria o repasse dos bancos na capitalização de juros.

O próprio Bracher considera o fechamento "muito difícil, sendo necessário muito esforço". A outra arma com que conta o Brasil é a declaração, feita semana passada pelo Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, em Nova York, de que "o Brasil quer pagar os juros de janeiro com dinheiro dos bancos; sem isso e um acordo, o Brasil não sai da moratória".

As fontes bancárias acreditam que o desejo dos bancos de terminar com a moratória brasileira é tão grande que o Brasil poderá usar isso como seu principal ponto de barganha no acordo definitivo.